

*
Claudio de Moura Castro

A pesar de maltratada por autoridades e “órçamenteiros”, com a epidemia do novo coronavírus a ciência está indo à forra. De fato, dependemos quase servilmente dela. Porém desacordos e trocas de farpas sugerem que virou balbúrdia. Será?

Sempre tentei mostrar a meus alunos o esplendoroso edifício da ciência, uma construção onde vai um tijolo sobre o outro. Tem cumulatividade e produz resultados sólidos. Há um imperativo de buscar erro em tudo. Sendo assim, o que sobrevive merece confiança. Pode demorar, mas os desencontros e as controvérsias acabam sendo resolvidos. Valores pessoais são progressivamente banidos. E toma água sanitária nas contaminações ideológicas!

Entra ano, sai ano, a máquina do método científico vai esmerilhando arestas e esmagando estultices – por mais promissoras que parecessem. No seu ritmo pachorrento, vai desbastando o entulho.

De repente, vem o coronavírus! O palavrório e as colisões fragorosas dão a impressão de que o método científico está sendo defenestrado. Pesquisadores proclamam com ferocidade suas ideias e versões. E quase sempre se chocam com as verdades de outra primadona. Soçobrou a ciência?

Há hoje um real e inevitável choque entre os cientistas mais ortodoxos e os que estão na linha de frente, geralmente, os médicos. Os primeiros passaram a vida proclamando os rigores do método científico. Por que agora seria diferente?

Tradicionalmente, a medicina ampara-se na ciência. Porém a ciência só chega até certo ponto. Daí para a frente, o campo é pantanoso. E os médicos sempre conviveram com essa penumbra do que é apenas parcialmente iluminado pela ciência. Entra em cena o conhecimento tácito, o “olho clínico”. E a decisão não pode esperar os testes, demorados e caros. Diante do médico está o paciente. A inação não é

uma escolha.

Arrisco dizer que jamais um fármaco foi objeto de batalhas tão virulentas como a hidroxilcloroquina. Ademais, virou cavalo de batalha de políticos.

Os chineses usaram a hidroxilcloroquina e não concluíram nada. Os italianos, tampouco. Um médico francês, meio bizarro, garante que funciona. Outro de Nova York afirma o mesmo. Até agora os resultados são inconclusivos. Para a ciência, estamos na estaca zero.

No furor da batalha, os minuciosos e arcanos protocolos da ciência parecem estar sendo esquarterados. O edifício da ciência se esboroa? O público, atônito, percebe as guerras encarniçadas e dilacerantes entre os cientistas. Entram também em cena os que entendem alguma coisa e mais os que não entendem nada. Em

Com o coronavírus, há choque entre cientistas mais ortodoxos e os que estão na linha de frente

geral, estes são os mais próximos em palpites definitivos.

Pior, para promover suas agendas, políticos e oportunistas de todos os matizes reivindicam ser verdade científica o que dizem. Às vezes parece que existe uma ciência de esquerda e uma de direita. Não obstante, como os médicos, os dirigentes têm de tomar decisões.

E aí, além de vidas, o coronavírus está destruindo o delicado tecido com que se constrói a ciência? A hipótese deste ensaio é pela negativa.

Tudo segue muito parecido, segue como sempre foi. O que mudou foi o ritmo em que, diante da crise, passou a operar a ciência. E, também, a maior transparência pública das controvérsias, com as redes sociais tornando tudo escancarado.

Mas parece-me que, no que conta, muda apenas a velocidade. A ciência tradicional anda em câmera lenta, em comparação com o ritmo frenético de hoje.

Tradicionalmente, impunha-se a sobriedade gélida das pesquisas. Ela ia limpando o campo. Sobrava espaço apenas para os sobreviventes (simplificando um pouco).

Antes das pesquisas sólidas, a brighalhada sempre existiu. Ainda assim, tudo se passava longe, mesmo dos cidadãos mais bem-educados. Não por sigilo, mas pela aridez do tema ou pela incapacidade de penetrar na sua linguagem hermética.

Os egos transbordavam, monumentalmente. Newton nutria por Leibnitz um ódio doentio. Galileu duelou ferozmente com o Vaticano. A maioria das desavenças não comoveu os leigos. É o caso das discordâncias de Einstein com seus colegas. Ou Edison com Tesla. Outras polarizaram mais do que a hidroxilcloroquina. Darwin buliu num vespeiro.

Mas são brigas que se diluem ao longo dos séculos. Em contraste, agora se compactam em semanas e têm como espectador ansioso o grande público. Este apenas vê as colisões espetaculosas, não percebendo que, alguma hora, a poeira baixa e os resultados não admitem mais desacordos.

De janeiro para cá, circularam 7.500 novas pesquisas no mundo científico. Boa parte nem merecerá publicação nos periódicos sérios. Das publicadas, pouquíssimas chegarão a ser citadas. Como sempre, sobra apenas um punhadinho.

Um estudioso dos processos da ciência verá o coronavírus criando um cenário que encurta em meses o que levava décadas para acontecer, discretamente. E oferece à sociedade uma amostra distorcida de como funciona a pesquisa, pois a urgência comprime em semanas as conflagrações. Mas é questão de tempo, o limpa-trilhos do método científico funcionará. Virão as respostas! E poucos ainda creem haver alguma fonte alternativa.

*
M.A., PH.D., É PESQUISADOR EM EDUCAÇÃO

*
Denis Lerrer Rosenfield

O presidente Bolsonaro, ao assumir, manteve uma política de confronto incessante com seus adversários, como se todo aquele que a ele se opusesse fosse um inimigo a ser abatido. Progressivamente, à maneira de Tânatos, o deus da morte na mitologia grega (editorial do **Estado** de 25/4), ou a pulsão de morte segundo Freud, fez a destruição reger as relações políticas. Amigos e inimigos passaram a caracterizar suas posições, ambos constituindo uma definição volúvel segundo as circunstâncias.

De inimigos objetivos da campanha (Lula e o PT) passou o mandatário para os políticos em geral, para o “sistema”, para os velhos amigos tornados inimigos, como generais do mais alto prestígio, e, enfim, as próprias instituições democráticas, como o Supremo Tribunal e o Legislativo. O resultado foi o isolamento presidencial, recluso em sua própria família, recorrendo, em manifestação recente, a um suposto apoio das Forças Armadas ao seu governo.

Ora, as Forças Armadas devem obediência exclusivamente à Constituição e à defesa nacional. Constituem uma instituição de Estado, não estão a serviço de nenhum governo. Note-se que desde a redemocratização do País, também por elas liderada, juntamente com os adversários de então, como o MDB, e aliados, como o novo PFL, foram o sustentáculo deste mais longo período de democracia no Brasil.

Se observarmos mais atentamente a composição militar do governo, constataremos que as Forças Armadas não constituem um bloco único, há oriundos do Exército, da Marinha e da Aeronáutica, sendo esta última a mais afastada do governo, enquanto o primeiro é o mais próximo, com a segunda ocupando posição intermediária. Mais particularmente, generais do Palácio do Planalto são militares que fizeram parte de sua “turma”. Isso significa também que a sua